

As três faces do comunismo chinês

Nos últimos cem anos, a política chinesa foi dominada pelas tensões entre uma linha idealista, reaccionária, xenófoba e obscurantista e uma linha realista, progressista, liberal e educada. As divisões internas do Partido Comunista da China (PCCh), nas três etapas que marcam a sua história, com Mao Tsetung, Deng Xiaoping e Xi Jinping, reproduzem essa clivagem.

Carlos Gaspar | Público | 1 de Julho de 2021

Nos últimos cem anos, a política chinesa foi dominada pelas tensões entre uma linha idealista, reaccionária, xenófoba e obscurantista e uma linha realista, progressista, liberal e educada. As divisões internas do Partido Comunista da China (PCC), nas três etapas que marcam a sua história, com Mao Tsetung, Deng Xiaoping e Xi Jinping, reproduzem essa clivagem.

Mao, o profeta carismático

Mao Tsetung é o vencedor da guerra civil contra o partido nacionalista. Em 1 de Outubro de 1949, na Cidade Proibida, proclama a fundação da República Popular da China (RPC) com uma frase lapidar: “A China voltou a erguer-se”.

O regime comunista restaura a unidade da China continental. Mao parte para Moscovo para selar a aliança sino-soviética, cujo preço é a intervenção na Guerra da Coreia e a divisão da China, quando os Estados Unidos garantem a sobrevivência do regime nacionalista em Taiwan. Isolada da comunidade internacional, a nova China, reconhecida como a segunda potência comunista, pode contar com um “Plano Marshall” soviético para acelerar a sua industrialização.

Porém, Mao quer neutralizar a ala reformista dirigida por Zhou Enlai e Deng e, em 1958, decide lançar o “Grande Salto em Frente” para construir a “via chinesa” para o socialismo contra o modelo soviético. As massas são mobilizadas para as campanhas de colectivização agrária que provocam o caos: o preço da utopia maoísta são quarenta milhões de chineses mortos de fome, de doença ou de exaustão numa catástrofe sem precedentes. Depois de forçar a cisão com o partido soviético, em 1966 o “Grande Timoneiro” vai lançar a “Grande Revolução Cultural Proletária” para destruir as elites do partido chinês. O regime de terror dos “Guardas Vermelhos” leva a China até ao limite da guerra civil, antes do Exército Popular de Libertação intervir para impor a nova ordem assente no culto da personalidade de Mao.

Na narrativa maoísta, a China comanda o “Terceiro Mundo” contra o “social-imperialismo soviético” e o “tigre de papel” norte-americano: a Europa hesita em escolher o seu campo. No mundo real, Moscovo está preparado para eliminar o dispositivo estratégico nuclear de Pequim, que decide inclinar-se para o lado de

Washington. A aliança sino-americana é selada na cimeira de Nixon com Mao, em 1972, enquanto Zhou recupera o Programa das Quatro Modernizações, nas vésperas da morte de ambos.

Deng, o comunista reformador

Deng Xiaoping é o sucessor de Mao e o herdeiro de Zhou. Duas vezes preso pelos maoístas, toma o poder em 1978, quando o partido adopta a sua estratégia de liberalização da economia e de abertura externa. A nova aliança com os Estados Unidos e o Japão, decisiva para o sucesso das reformas económicas e da modernização tecnológica, marca o fim do isolamento da RPC, que passa a ter assento no Conselho de Segurança e estabelece relações diplomáticas com todos os países, incluindo a União Soviética.

A dinâmica reformista divide o partido onde os mais liberais defendem a “quinta modernização”, a mudança política para institucionalizar um regime pluralista. Em 1989, milhares de estudantes ocupam Tiananmen nas vésperas da visita de Gorbachev a Pequim e erguem uma réplica chinesa da Estátua de Liberdade à frente do retrato de Mao. Deng demite os dirigentes reformistas e manda os militares intervir: a repressão brutal isola o regime comunista nas vésperas do fim da União Soviética.

Nesse momento dramático, Deng impõe a linha reformista e defende uma estratégia realista para a ascensão pacífica da China, cuja regra fundamental é evitar um confronto prematuro com os Estados Unidos. A sua orientação é decisiva para garantir a modernização acelerada da China, que se torna a segunda maior economia mundial e é reconhecida como um parceiro indispensável pelos Estados Unidos e por todas as potências relevantes.

Xi, o restaurador nacionalista

Xi Jinping quer ser o herdeiro de Mao. O Secretário-Geral do PCC, que toma o poder em 2012, pertence à geração dos filhos dos fundadores da RPC - os “príncipes vermelhos”. Xi mobiliza as massas contra as potências estrangeiras, restaura a educação marxista-leninista e impõe o controlo do centro comunista sobre todas as instâncias autónomas, incluindo as regiões administrativas especiais, as minorias islâmicas ou as instituições empresariais. Paralelamente, destrói os mecanismos internos que asseguram a “direcção colectiva” no PCC e limitam o seu mandato como Presidente da RPC.

O seu programa combina a restauração totalitária com a expansão externa da China, centrada nas novas “Rotas da Seda” que anunciam o fim da hegemonia ocidental e o regresso do Império do Meio no centro da nova ordem mundial. Xi quer conquistar Taiwan e reunificar a China - só esse feito o pode pôr a par de Mao - e a sua ambição torna mais provável um confronto com os Estados Unidos.

Mas a história da China não acabou e a evolução mais provável é um novo ciclo em que a linha realista, pragmática e prudente volta a substituir a linha idealista, reaccionária e aventureira.

<https://www.publico.pt/2021/07/01/mundo/analise/tres-faces-comunismo-chines-1968609>